
Amor e Sexo: Um Programa Televisivo de Qualidade¹

Laura FIORI²

Mirella SCHUCH³

Ilka Margot GOLDSCHMIDT⁴

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC

Resumo: Este artigo produzido na disciplina de Produção Audiovisual em Jornalismo tem como tema a qualidade na televisão aberta brasileira e analisa duas edições do programa Amor e Sexo, veiculado na emissora Rede Globo de 2009 a 2018, a partir das acepções de qualidade televisiva definidas por Arlindo Machado (2000) e Newton Cannito (2010). Identifica-se, também, o formato do programa a partir das definições estabelecidas por Yvana Fechine (2001). Verifica-se que o programa Amor e Sexo pode ser identificado como formato de performance e se enquadra na qualidade televisiva de acordo com os autores estudados.

Palavras-chave: Amor e Sexo; qualidade televisiva; formatos televisivos; análise de conteúdo.

A televisão surgiu no Brasil na década de 50, com a inauguração da TV Tupi, através do jornalista Assis Chateaubriand (MORAIS, 1994). Machado (2000) percebe que a ideia de que a televisão é um serviço, um sistema de difusão e uma produção de mercado ainda é muito disseminada. “A impressão que se tem é de que, na televisão, não existe nada além do trivial” (MACHADO, 2000, p.16). A atenção, segundo ele, não se volta para as produções audiovisuais, mas para a estrutura genética do meio, que é compreendida como “(...) tecnologia de difusão, empreendimento mercadológico, sistema de controle político-social, sustentáculo do regime econômico, máquina de moldar o imaginário (...)” (MACHADO, 2000, p.16). Arlindo afirma ainda que

Durante muito tempo, os teóricos da comunicação, seguindo (estranhamente) a mesma orientação dos magnatas da mídia, nos

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do curso de Jornalismo da UNOCHAPECÓ, e-mail: laurafiori@unochapeco.edu.br

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do curso de Jornalismo da UNOCHAPECÓ, e-mail: mirella.schuch@unochapeco.edu.br.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da UNOCHAPECÓ, e-mail: ilka@unochapeco.edu.br.

acostumaram a encarar a televisão como um meio popularesco, “de massa” no pior sentido da palavra, e dessa maneira nos impediram de prestar atenção a um certo número de experiências poderosas, singulares e fundamentais para definir o estatuto desse meio no panorama cultural do final do século (MACHADO, 2000, p. 15).

Compreender a televisão a partir de sua relação com os sistemas políticos, econômicos e tecnológicos e não a partir do seu repertório nos remete ideias de autores clássicos das teorias da comunicação. Machado propõe essa reflexão ao citar Theodor Adorno e Marshall McLuhan, importantes teóricos da comunicação, e como estes percebiam a televisão.

Para o grupo adorniano, a televisão é por natureza “má”, mesmo que todos os trabalhos mostrados em suas telas fossem de melhor qualidade, enquanto para o grupo mcluhiano a televisão é por natureza “boa”, mesmo se só existisse porcária em suas telas. Isso quer dizer que os adornianos atacam a televisão pelas mesmas razões que os mcluhianos a defendem: por sua estrutura tecnológica e mercadológica ou por seu modelo abstrato genérico, coincidindo ambos na defesa do postulado básico de que televisão não é lugar para produtos “sérios”, que mereçam ser considerados em sua singularidade (MACHADO, 2000, p. 18).

Percebidas essas visões, Machado (2000) diz que é preciso pensar a televisão como conjuntos audiovisuais, que variam e se contradizem. Além disso, compreende que a base tecnológica, o contexto e a estrutura externa também contam, mas “eles não explicam nada se não estiverem referido aquilo que mobiliza tanto produtores quanto telespectadores: as imagens e os sons que constituem a ‘mensagem’ televisual” (MACHADO, 2000, p. 19).

Machado percebe, assim, que em relação ao enfrentamento do diagnóstico da televisão no mundo, as abordagens sociológicas convencionais não eram suficientes, mas os valores que poderiam servir de intervenção produtiva no processo televisual: “o desafio pedagógico básico era forjar uma idéia de televisão com a qual pudéssemos nos identificar, de modo a poder colocá-la em prática no trabalho de formação das mentalidades criativas que iriam fazer a televisão do futuro.” (MACHADO, 2000, p. 11-12).

Essa ideia de televisão relaciona-se com o conceito de qualidade televisiva. De acordo com Machado (2000), uma palavra chave nas discussões mais recentes sobre a televisão é justamente a qualidade. Segundo ele, o conceito de televisão de qualidade é instituído por outros autores, bem como por eventos nacionais ou internacionais, como *quality television*⁵. Mas o autor não gosta deste termo, visto que a palavra - qualidade - produz uma discriminação à palavra televisão e pode ser nociva a ideia de qualidade televisiva: “De uma forma geral, ninguém fala de ‘literatura de qualidade’, nem de ‘cinema de qualidade’, nem de ‘música de qualidade’ (...) Por que deveria ser diferente com a televisão?” (MACHADO, 2000, p. 13).

Machado defende que o uso do termo ‘televisão de qualidade’ é utilizado de maneiras diferentes pelas pessoas, servindo de rótulo para designar uma televisão meramente pedagógica, de bandeira para a defesa de valores moralistas na televisão (MACHADO, 2000). Ele cita o povo mais careta como aquele que reivindica restrições à exploração de sexo, violência e palavrão na tela, que chama de “qualitativa” a televisão que eles querem: “uma televisão asséptica, destilada dos problemas e desligada da vida real.” (MACHADO, 2000, p.13).

O objetivo dessa busca por qualidade, para Machado, não seria “criar um gueto de qualidade que possa existir isolado, no meio de um mar de mediocridade.” (MACHADO, 2000, p. 13), mas fazer com que a ideia de qualidade possa “contaminar tanto a produção quanto a recepção de televisão como um todo, a ponto de o adjunto e a discriminação se tornarem desnecessários.” (MACHADO, 2000, p.13).

Visto que se põe em discussão a questão da qualidade na televisão e que se deve pensá-la como transformadora, propõe-se analisar o programa Amor e Sexo. O programa produzido e transmitido pela Rede Globo, propõe um tema e um formato não usuais na Televisão Aberta Brasileira e por esse motivo despertou o interesse para esse estudo que será realizado a partir da análise de conteúdo. Esse método se refere à investigação de fenômenos simbólicos para descrição objetiva, sistemática e quantitativa de um conteúdo (FONSECA JR., 2005).

⁵ Do inglês - televisão de qualidade.

A análise de conteúdo, segundo Fonseca Jr. (2005), deve seguir uma ordem cronológica, que consiste em pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Para este estudo foram selecionadas duas edições do programa correspondendo aos dois últimos anos de exibição, de diferentes temporadas. A edição do dia 02/03/2017 da 10ª temporada - exibida entre 26/01/2017 e 13/04/2017 - e do dia 09/10/2018 da 11ª temporada - exibida do dia 09/10/2018 ao dia 11/12/2018.

Para a análise do conteúdo foram estabelecidos como critérios as acepções de qualidade em televisão apresentadas por Machado (2000) e Cannito (2010) em suas respectivas obras: *Televisão Levada a Sério* e *A Televisão na Era Digital*, além da identificação do formato do programa a partir dos conceitos desenvolvidos por Fachine (2001). Constatar se *Amor e Sexo* é um programa de qualidade, faz com que ele possa integrar o repertório de programas de qualidade brasileiros e vir a servir como referência na formação de futuros comunicadores.

Amor e Sexo

Em 28 de agosto de 2009 estreava nas telas de todo o Brasil o programa *Amor e Sexo*. Com a apresentação da jornalista e atriz Fernanda Lima, o programa do gênero entretenimento vai ao ar pela Rede Globo. Tem como diretora geral Daniela Gleiser, Adriano Coelho como diretor e Antonio Amâncio e Fernanda Lima na redação final.

O programa tem um total de 11 temporadas e 90 episódios até o ano de 2018. *Amor e Sexo* traz em pauta, desde o princípio, discussões a respeito de sexo, amor e as relações entre as pessoas de forma natural e livre, sem tabus ou restrições. Ao passar dos anos, ocorreram mudanças em seu formato, provocando inovações em seus quadros.

Em 2012, *Amor e Sexo* passou por uma reformulação. O palco tornou-se o centro do programa, sem o uso do telão. Fernanda Lima transformou suas apresentações. A partir de 2013, na 7ª temporada, a apresentadora passou a dançar e interpretar uma música que representa o tema da noite no início de cada edição.

Dividido em dois blocos, *Amor e Sexo* resgata a essência dos programas de auditório, com banda, dançarinos e performances da própria apresentadora. Além disso,

traz informação e conscientização para o público que acompanha, porém, pode causar estranhamento no espectador que não tem contato com conteúdos que normalmente são estereotipados pela sociedade.

Até o ano de 2018, o programa contava com uma bancada de jurados de diferentes segmentos sentados de frente para o palco e também com a psicanalista e escritora, Regina Navarro Lins, que trazia dados e apontamentos sobre os assuntos debatidos. Além disso, também continha uma plateia que interagiu trazendo questões para o programa. Uma banda formada por uma diversidade de pessoas também fazia parte da produção.

A linguagem divertida se mistura com a educativa. Além da discussão, o programa estimula a conscientização, como o uso de preservativos. Com o passar dos anos, temas em debate na sociedade, como a quebra de preconceitos e o machismo, foram incorporados às edições.

Formatos e qualidade televisiva

Para estudar e compreender o repertório televisivo atual é necessário identificar seu formato. Sobre esta questão, a pesquisadora Fachine (2001) contribui com a definição de 12 formatos ou gêneros televisivos, a partir dos quais se organizam os programas de televisão mais conhecidos no Brasil. São eles: Formato fundado no diálogo; Formato fundado no folhetim; Formato fundado no filme; Formato fundado na performance; Formato fundado no jogo; Formato fundado no apelo pedagógico; Formato fundado na propaganda/publicidade; Formato fundado na paródia; Formato fundado no jornalismo; Formato fundado na transmissão direta; Formato fundado nas histórias em quadrinhos e Formato fundado no voyeurismo (FACHINE, 2001, p. 20).

Dentre eles, é possível identificar o programa Amor e Sexo com o quarto formato, definido por Fachine (2001) como formato de performance.

(...) é aquele articulado em torno da realização de uma performance (cênica, artística, musical etc.) dos profissionais de TV e dos seus convidados para um público apenas pressuposto ou presente no local de produção/gravação como figurativização mais imediata desse público-modelo. Como toda performance, esse formato depende

daquilo que se constrói enquanto se exhibe: nesse caso, enquanto se exhibe na e para a televisão. Esse formato costuma ser marcado por uma sucessão de atrações das mais diferentes naturezas com o objetivo principal de proporcionar, nos moldes dos antigos espetáculos dos music-hall e vaudevilles, momentos de entretenimento (FECHINE, 2001, p. 20).

A questão a ser respondida nesta análise é a quais critérios de qualidade apresentados nas obras *Televisão Levada a Sério* (Machado, 2000) e *Televisão na Era Digital* (Cannito, 2010) o programa *Amor e Sexo* corresponde, e por que. Foi no contexto intelectual britânico da década de 80, através da publicação de *M. T. M.: quality television* que a expressão *quality television* aparece. Segundo Machado (2000), a expressão passa a ser, então, uma expressão rapidamente tomada como bandeira para uma abordagem diferenciada da televisão (MACHADO, 2000).

Por fim, a qualidade é definida por Machado desta forma: “Alguém já definiu a liberdade da seguinte maneira: uma coisa difícil de explicar, quase impossível de conceituar, mas muito fácil de compreender, principalmente quando ela nos falta. Creio que se pode considerar a mesma maneira a qualidade em televisão.” (MACHADO, 2000, p. 13).

Quem também discute a qualidade televisiva é Newton Cannito. Segundo ele, a ‘qualidade de programação’ é uma constante entre a elite intelectual. Cannito adverte que a qualidade é um conceito “ideológico, socialmente escolhido e utilizado por determinados gostos e/ou interesses. Como toda ideologia, o conceito de ‘qualidade’ pretende ser algo neutralizado. Cada ‘padrão de qualidade’, portanto, é tratado como se fosse óbvio. Não é” (CANNITO, 2010, p. 31).

Cannito não acredita que a qualidade da televisão possa ser definida pela qualidade do conteúdo que ela transmite. “Por esse critério, uma boa televisão seria a que transmite uma boa partida de futebol. E uma televisão de baixa qualidade seria a que transmitisse uma partida ruim. Essa lógica não faz sentido” (CANNITO, 2010, p. 33). Cannito entende que a televisão deve ser avaliada em seus aspectos tipicamente televisivos, como a criação do posicionamento da câmera e a relação entre som e imagem.

Outro viés relacionado à qualidade seria a educação. Cannito defende que a televisão pode e deve exibir programas educativos em determinados momentos, e que a educação é, sem dúvida, uma causa nobre (CANNITO, 2010). O que afirma é que “é preciso ter consciência de que a televisão não resolverá o problema educacional do país, pois não é um meio feito para isso (...) Aprisionar a TV na esfera da educação limita seu potencial expressivo” (CANNITO, 2010, p. 34).

De acordo com Cannito (2010), se considerarmos a televisão uma forma de expressão artística, poderemos usar conceitos da arte para avaliar o veículo. “Conceitos como inovação, transgressão e dialogismo, por exemplo, seriam mais valorizados na qualidade televisiva” (CANNITO, 2010, p.34). Outro conceito ainda, seria o de interatividade com o público-alvo.

Para Machado (2000), é preciso considerar que, além dos aspectos técnicos e mercadológicos, a mensagem passada pela televisão é o que mobiliza produtores e telespectadores. Logo, o conteúdo passado por meio dos sons e imagens é o que forma a televisão. Machado ressalta as qualidades que podem estar presentes na TV que por muitos analistas é vista apenas como produção de massa.

Segundo o autor, quando se trata de novas maneiras para se pensar a televisão, é preciso inovar e trazer qualidade para a criação de conteúdo, até mesmo resgatando aspectos do passado.

É tempo, pois, de promover uma mirada retrospectiva e tentar redescobrir essa arte negligenciada. É tempo de resgatar a inteligência, a criatividade, o espírito crítico e tudo isso que tem ficado reprimido na maioria das abordagens tradicionais, mas que não é, como muitos podem pensar, uma tendência recente na história da televisão, ou um privilégio restrito apenas a algumas televisões públicas ou canais a cabo (MACHADO, 2000, p. 21).

Resgatar o que havia de melhor na televisão do passado e trazê-la para um futuro criativo em que o entretenimento e a informação se cruzam é um exemplo do que o programa Amor e Sexo vem produzindo nos últimos anos. Discutir assuntos não debatidos por programas de auditório e dar relevância a temáticas invisibilizadas é

importante para a formação de uma nova televisão, como a apontada por Machado (2000).

“Chama todo mundo”

A questão da televisão de qualidade estudada por Machado (2000) é baseada no conceito definido por Geoff Mulgan, que enumera pelo menos sete diferentes acepções da palavra ‘qualidade’ em circulação nos meios que discutem a TV.

(1) conceito puramente técnico, a capacidade de usar bem os recursos expressivos do meio: a boa fotografia, o roteiro coerente, a boa interpretação dos atores, a indumentária de época convincente, etc. (...) (2) a capacidade de detectar as demandas da audiência (análise de recepção) ou as demandas da sociedade (análise de conjura) e transformá-las em produto, abordagem predileta dos comunicólogos e também dos estrategistas de marketing. (...) (3) uma partícula competência para explorar os recursos de linguagem numa direção inovadora como o requer a abordagem estética. (...) (4) os aspectos pedagógicos, os valores morais, os modelos edificantes construtivos de conduta que a televisão está potencialmente apta a promover. (...) (5) no seu poder de gerar mobilização, participação, comoção nacional em torno de grandes temas de interesse coletivo, abordagem melhor identificada com o ponto de vista dos políticos, sejam eles de esquerda ou de direita. (...) (6) em programas e fluxos televisuais que valorizem as diferenças, as individualidades, as minorias, os excluídos, em vez de a integração nacional e o estímulo ao consumo. (...) (7) simplesmente na diversidade, o que significa dizer que a melhor televisão seria aquela que abrisse oportunidades para o mais amplo leque de experiências diferenciadas (...) (MULGAN apud MACHADO. 2000, p. 24-25).

De acordo com a edição do dia 09 de outubro de 2018, em relação a primeira acepção, a fotografia é de alta qualidade, as cores são vibrantes e coloridas. Os tons do cenário, das roupas e dos objetos ornãm. Um dos convidados da mesa usa um boné com a frase “lá da favelinha”, representando a favela. Fernanda Lima usa uma camiseta estampada com a expressão “Chama todo mundo”, identificando sua ideia de que o programa tem espaço para a diversidade.

O roteiro é muito bem pensado e escrito, dialoga com as temáticas, os convidados e a plateia. A edição do programa detecta as demandas da sociedade, que

grita por igualdade entre gêneros, cores de pele, orientação sexual e outras lutas sociais. A apresentadora também é atriz, e isso faz com que a forma como conduz o programa e o roteiro seja leve e criativa.

Fernanda Lima traz durante a edição frases criativas, poéticas e revolucionárias, como por exemplo:

O Amor e Sexo voltou mais jovem e cheio de atitude. Encheu a cara de *glitter*, botou os peitos pra fora, foi pra rua e fez a festa. E de sarração em sarração, começou uma revolução (...) E se antes as mudanças se davam a passos largos, hoje elas voam (...) Enquanto isso, em algum beco perto dali ou num bairro de periferia, o corpo que rebola e desce até o chão fala de raça, de gênero e de fluidez. Esse corpo que sente, que dança cheio de erotismo, é político! (LIMA, 2018).

Esta edição é competente ao explorar os recursos de linguagem, tanto de imagem e vídeo, quanto de verbalização, pois a apresentadora, bem como os convidados e o público utilizam da informalidade em seus dizeres, incluindo sátiras e trocadilhos em suas falas. A linguagem poética é inovadora, pois mescla sexualidade e poesia.

Quanto a quarta acepção, o programa não tem uma conduta que a televisão normalmente promove e não prioriza os valores morais, de modo que os assuntos são de cunho sexual e as mais variadas formas de sexualidade. Além disso, palavrões e palavras que seriam consideradas de baixo calão pela sociedade, como por exemplo “sarrar”, são muito usadas ao longo da edição. Isto não quer dizer que o programa não tenha uma política editorial e não prime pelo respeito a todos que participam, visto que a concepção de que o programa é de qualidade ou não nesta acepção, depende de quem o assiste e de quais ideologias este receptor defende.

Já em relação aos aspectos pedagógicos, também depende de quem opina, de que ideias tem concebidas, pois um receptor que entende que não se deve promover

educação sexual em um programa televisivo, mesmo que em horário apropriado, julgará Amor e Sexo um programa desqualificado.

A quinta acepção está relacionada à mobilização e comoção nacional em torno de grandes temas de interesse coletivo. O episódio traz temáticas como machismo, homofobia e racismo, que são temas coletivos e por isso geram mobilização, visto que na atualidade ferve a discussão em torno destes assuntos.

Valorizar as diferenças, as individualidades, as minorias, os excluídos. Nesta sexta acepção, o programa se encaixa com intensidade. Respeita todas as diferenças, prima por esse repeito, leva essa ideia de defesa às individualidades. Temas como cultura negra, homossexualidade, transexualidade, liberdade sexual, de expressão e opinião e feminismo estão presentes nesta edição. Além destes, a criminalização de estilos musicais enraizados na cultura negra, como o funk, o samba e a dança de rua.

O episódio demonstra a representatividade começando pelo fato de a apresentadora ser uma mulher. Muitos dos cantores da banda são negros. A nova cantora principal, Milena Jardim, é negra. A cultura negra está bem representada, inclusive na plateia. Uma das convidadas, Bruna Linzmeyer, se declara lésbica e discute sobre o assunto. Entre os convidados, está um representante do Complexo do Alemão e outros que participam de projetos relacionados às minorias.

Quanto a última acepção, que trata das experiências diversas, Amor e Sexo abre oportunidades para diferentes vivências. Perguntas em relação à experiências pessoais foram feitas aos convidados pela apresentadora: "Como é ser um jovem homem em desconstrução? O que te liberta? O que te representa? Igualdade pra você é? É mais difícil fazer rir sem oprimir? Qual a importância da internet na cultura da juventude? Quais as mudanças das expressões jovens através das roupas e indumentárias ao longo das eras?"

Em relação a qualidade televisiva, Cannito (2010) afirma que o gosto pessoal de cada um implica na relação televisiva. "Imaginar que todos os programas de televisão serão adequados ao meu gosto pessoal seria imaginar que existe uma padronização cultural em que todas as pessoas compartilham do meu gosto pessoal" (CANNITO,

2010, p. 38). Amor e Sexo é um programa em que há diversidade de gostos e tendências e identifica-se a liberdade de expressão. Foge da padronização cultural.

Igualdade de gênero na TV aberta

Fernanda Lima iniciou o programa Amor e Sexo do dia 02 de março de 2017 com essa fala:

Para festejar aqui no palco a luta pelo orgulho LGBT no Brasil, uma luta onde nem as purpurinas e lantejoulas escondem as mortes e os hematomas que a violência, o preconceito e a discriminação deixaram e ainda deixam nessa comunidade. Uma luta que pertence a todos que acreditam numa sociedade a favor da igualdade de direitos civis, da liberdade, da diversidade, da paz e do amor. Amor e Sexo acredita nessa sociedade, e você? (LIMA, 2017).

O programa trouxe para as televisões de milhões de brasileiros a discussão sobre identidade de gênero e as diversas formas de amor. As *drag queens* foram as principais personagens desta edição, além da plateia composta pela comunidade LGBTQI+. As cores e a diversidade tomaram conta do palco. Dados sobre as paradas LGBTQI+, mortes e abusos são apresentados durante o episódio.

Essa edição contempla as sete acepções de qualidade televisiva definidas por Geoff Mulgan, presentes no texto de Machado (2000). A sexta acepção, que trata de “programas e fluxos televisuais que valorizem as diferenças, individualidades, as minorias os excluídos, em vez de a integração nacional e o estímulo ao consumo” (MULGAN apud MACHADO, 2000, p.25), representa a linha editorial do programa e também essa edição, que é dedicada inteiramente a dar voz a essa comunidade, na maioria das vezes invisibilizada nos meios de comunicação de massa.

Os aspectos pedagógicos também estão presentes nesse episódio, por conta das informações ao longo do programa, como os dados em relação às mortes da comunidade LGBTQI+. Também promove a mobilização das pessoas quanto às temáticas abordadas.

Além disso, a diversidade de conteúdos e de abordagens mostra a pluralidade do programa, que traz "um leque de experiências diferenciadas" (MULGAN apud MACHADO, 2000, p. 25).

Além das acepções de qualidade televisiva, também pode-se abordar o conceito de TV dialógica, exposto por Cannito (2010) em que “multiplicam-se as vozes da narrativa, dando real espaço para a representação de minorias, excluídos e opiniões divergentes”. No entanto, Cannito trata também da TV monológica, na qual o discurso estabelecido não tem espaço para questionamentos.

Apesar de a edição do programa ser voltada exclusivamente para a comunidade LGBTQI+, não se pode considerá-la monológica, pois o programa traz diferentes histórias e vivências de pessoas da comunidade, o que traz diferentes olhares, sem distanciar-se da essência da temática tratada, o que classifica a discussão como parte da TV dialógica.

Nesta edição, o jogo “telecurso do gênero” é utilizado para explicar o tema. Na plateia, quem se identifica com determinado gênero ou orientação sexual levanta a mão. Durante a brincadeira, Fernanda Lima explica o que são os gêneros e as orientações, e convida pessoas do auditório a compartilharem suas histórias.

A mescla entre informação e o entretenimento é percebida durante a exibição do programa, já que além dos shows de *drag queens* e jogos, Amor e Sexo traz informações sobre os problemas vividos pela comunidade, o *bullying* e as mortes. Também apresenta curiosidades sobre a comunidade LGBTQI+ que podem ser desconhecidas pelo telespectador. Um exemplo é o “bate cabelo”, uma performance específica das *drag queens* brasileiras apresentada em uma competição durante o programa.

O final do programa conta com uma apresentação da cantora Liniker, que interpreta a música “Geni e o Zepelim”, a história de uma travesti, composta por Chico Buarque. A música é interrompida e Liniker fala sobre a realidade do Brasil, o país que mais mata LGBTQI+ no mundo. Fernanda Lima encerra a edição falando sobre a Lei Maria da Penha, que atualmente protege também mulheres transsexuais e travestis da agressão.

Considerações Finais

Ao analisar as edições dos dias 02/03/2017 e 09/10/2018 do programa Amor e Sexo, é possível identificar que este se encaixa no formato de performance de acordo com a definição de Fechine (2001), bem como constatar que o conteúdo analisado contempla as acepções de qualidade televisiva estabelecidas por Mulgan (1990) e citadas por Machado (2000). É importante ressaltar que, como afirma Machado (2000), a discussão sobre qualidade é imprescindível e fugir dela seria uma irresponsabilidade (MACHADO, 2000). Além disso, segundo ele, a televisão é e será aquilo que fazemos dela, pois

(...) nem ela, nem qualquer outro meio, estão predestinados a ser qualquer coisa fixa. Ao decidir o que vamos ver ou fazer na televisão, ao eleger as experiências que vão merecer a nossa atenção e o nosso esforço de interpretação, ao discutir, apoiar ou rejeitar determinadas políticas de comunicação, estamos, na verdade, contribuindo para a construção de um conceito e uma prática de televisão (MACHADO, 2000, p.11).

O programa traz informação de forma dinâmica e colabora para a construção do pensamento crítico, além de conscientizar e educar pessoas que têm acesso a essa informação. Isto acontece justamente por conta do vínculo do público com a televisão. Como aponta Cannito (2010), a televisão não tem a obrigação de educar seu público, mas quando o faz, tem grande potencial para motivar debates e discussões necessárias na sociedade. A partir da análise, é possível perceber o programa como ferramenta para a disseminação de informação.

Amor e Sexo cumpre seu papel enquanto programa de entretenimento e o clima descontraído não abala a seriedade dos temas abordados, que são tratados com empatia. Rápidas inserções da apresentadora Fernanda Lima promovem o dinamismo do debate, o que torna fluido o diálogo entre os participantes. Por meio dos jogos, das músicas e das temáticas, o programa oportuniza a discussão a respeito de temas diversos e que

envolvem o interesse público. Afinal, a TV evolui e, assim como aponta Machado (2000), sua evolução não pode ser barrada pelas restrições da época em que está situada.

A arte de cada época é feita com os meios, os recursos e as demandas dessa época e no interior dos modelos econômicos e institucionais nela vigentes. Afinal, a cultura de outras épocas não esteve menos constrangida por imposições de ordem política e econômica do que a de agora e nem por isso ela deixou de ser realizada com grandeza (MACHADO, 2000, p.24).

A partir do momento em que se pressupõe que os programas televisivos são de má qualidade e que são produzidos meramente para entreter, perde-se a oportunidade de conhecer programas de qualidade. Através dos conceitos de Cannito (2010) e Machado (2000) é possível analisar diferentes pontos relacionados a qualidade televisiva. Ao concluir através da análise que o programa Amor e Sexo é um programa televisivo de qualidade, este pode servir, futuramente, como referência na formação de futuros profissionais.

Referências Bibliográficas

CANNITO, Newton. **A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2010.

FECHINE, Yvana. Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos. **Revista Symposium**. n.1, p. 14-26, jan-jun 2001.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. **Análise de conteúdo**. IN: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, p. 280-315. 2005.

LIMA, Fernanda. Amor e Sexo. São Paulo: Rede Globo de Televisão, 2 mar. 2017. Gênero: talk show.

LIMA, Fernanda. Amor e Sexo. São Paulo: Rede Globo de Televisão, 9 out. 2018. Gênero: talk show.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 4. ed. São Paulo: SENAC SÃO PAULO, 2000.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.